

# Escrevendo para o Ídolo. A emoção dos fãs nas cartas para Teixeirinha

*Nicole Isabel dos Reis*

**Resumo:** Através da análise da correspondência escrita pelos fãs do cantor gaúcho Victor Mateus Teixeira, o Teixeira, é possível identificar as situações, narrativas, histórias e pedidos feitos nas cartas onde se percebe o caráter afetivo e a proximidade com que o ídolo era tratado. Várias categorias de emoção surgem ao longo das cartas, guiando a relação dos fãs com o ídolo: a emoção de estar escrevendo ao ídolo; a emoção de saber que sua carta será lida por ele; uma emoção catártica que faz com que o fã se identifique com a trajetória do ídolo e conte a sua própria; a emoção de ouvir uma música que conta algo similar ao que já se viveu. O objetivo deste artigo é inventariar esses fortes sentimentos surgidos de uma relação fã x ídolo e revelados nas cartas, e pensar de que forma eles nos dão pistas para interpretar o lugar social do artista popular no Brasil. **Unitermos:** Teixeira, Fãs, Correspondência, Ídolos Populares, Emoção.

**Abstract:** Through an analysis of the fan mail written to the gaúcho singer Victor Mateus Teixeira, known as Teixeira, it is possible to identify the situations, narratives, stories and requests made in the letters, in which it is possible to perceive the affect and proximity that the fans established with the idol. Many categories of emotion come up in the letters, guiding the relationship between fans and idol: the emotion of writing to the idol; the emotion of knowing the letter will be read by him; a cathartic emotion which makes the fans identify with the idol's trajectory and tell their own; the emotion of listening to a song that tells a story similar to something the fan has experienced. The objective of this article is to list the strong feelings that come from a fan x idol relationship, which are revealed by the letters, and to discuss the ways through which they provide clues to interpret the social place on the popular artist in Brazil. **Keywords:** Teixeira, Fans, Fan Mail, Popular Idols, Emotion.

*Tavares, 23 de fevereiro de 1978.1*

*Não leia esta carta ao vivo peça.*

*Senhor Teixeira, não sei como começar a lhe escrever não sei se voce vai me entender sabe olhei alguns de seus filmes e li o livro da sua vida, Coração de luto e resolvi lhe escrever. Tenho 16 anos e sou pobre planto cebola estudei só até o 4° ano, meu maior desejo nesta vida era estudar e pra doutora, mas infelizmente nunca vou realizar meus sonhos. meus pais são desquitados eu moro com um irmão casado. escrevo-lhe não sei porque. talvez eu ache em você um verdadeiro amigo um segundo pai que não irá rir da minha carta, talvez ao ler minha carta lembrara da sua infância. hoje voce é feliz, mas voce não esquece de sua infancia tanto que voce presta homenagem ao seu tempo de criança. por isto senti vontade de lhe escrever. estimo e lhe admiro encontro em você uma pessoa que saberá me entender, não sei escrever muito bem mas o senhor entenderá. por favor não leia esta carta no programa, apenas para você e a Meri Terezinha, talvez nem de muita atenção para minha carta. seus compromissos, e afinal quem sou eu para escrever para o senhor, se der atenção e tiver tempo de responder e serei feliz ao menos quando receber sua carta sabe nunca tive carinho um lar de alegria só conheci desilusão e amargura, mas a vida e assim mesmo talvez este seja meu destino nunca enganei ninguém para não ser enganada, para mim até*

---

<sup>1</sup> Optei por manter a grafia original de todas as cartas citadas. As datas e cidades de origem também foram mantidas, e os nomes dos remetentes, modificados.

*hoje só existiu um amigo, que é amigo de todos basta ter fé nele que vosso senhor Jesus Cristo. Se for possível quero escutar a música cortando estradão. perdoe-me e desculpe sorria, mesmo que seu sorriso seja triste, mais triste ainda e não saber sorrir. Ass: Elza Tavares Mostardas Rio Grande do Sul.*

A carta de Elza é uma dentre as cerca de vinte mil que compõem o que restou do acervo de correspondência dos fãs do artista gaúcho Victor Mateus Teixeira, o Teixeirinha, falecido há mais de 20 anos e uma das figuras mais importantes no campo artístico do Rio Grande do Sul no século XX, tanto pelo tamanho de sua obra (mais de 80 discos, 1200 composições, 12 filmes de longa-metragem) como pela sua permanência na mídia, no imaginário e no panorama cultural do estado. No auge de seu sucesso, nas décadas de 60 e 70, Teixeirinha costumava receber entre 9 e 10 mil cartas por mês, e tinha duas secretárias que trabalhavam exclusivamente para respondê-las e selecionar as que seriam lidas em seus programas de rádio.

No entanto, apesar de seu sucesso popular, de sua grande vendagem de discos, de suas grandes bilheterias no cinema, o artista usualmente fica de fora das historiografias oficiais tanto da música quanto do cinema brasileiro. Não se encaixando em nenhuma das “vertentes” dominantes da música brasileira, e identificado com o que chamava de estilo de música “regional”, com elementos sertanejos, gaúchos, e de outros estilos associados ao ‘gosto popular’, Teixeirinha tinha grandes

séqüitos de fãs e admiradores nas periferias dos grandes centros urbanos e entre a população rural e pobre do interior do país, principalmente na região Sul.

Estas cartas são documentos importantíssimos no sentido de contar essa história "não-oficial", e para demonstrar o tipo de relação que esses fãs - na sua esmagadora maioria humildes, interioranos, com pouca escolaridade - mantinham com um ídolo que se parecia muito com eles. As emoções e todos os sentimentos que são colocados nas cartas, além de mostrar facetas desta relação, são reveladores de todo um imaginário de uma época, vindo de camadas sociais que geralmente não tem muita voz nem registros históricos próprios. A proposta deste artigo é desvendar os modos como os fãs revelam seus sentimentos e emoções relacionadas ao ídolo nas cartas, de modo que se possa vislumbrar a importância e o lugar social de um artista popular na vida de seus fãs. Mas para compreender essa relação dos fãs com Teixeira, é preciso, fundamentalmente, conhecer as especificidades de sua trajetória e de sua ascensão como ídolo popular. Iniciamos neste ponto.

### **A trajetória de um artista popular**

Neste segmento, proponho abordar a vida do artista através de um breve esboço de sua trajetória. É importante mencionar que essa trajetória faz parte do campo de disputas referentes a sua imagem e memória. Assim, múltiplas versões e interpretações existem para alguns fatos, que

variam de acordo quem detém aquela memória específica. Existem alguns pontos, no entanto, que permanecem em todas as versões – talvez o que Pollak chamaria de “solidificados” (1992). Neste esboço, confesso me deter sobre estes pontos, sobre os quais há um certo 'consenso'.

Victor Mateus Teixeira nasceu no interior do atual município de Rolante, no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, no dia 3 de Março de 1927. Era filho de um segundo casamento do seu pai, que já tinha dois filhos do primeiro casamento e mais quatro, incluindo Victor, do segundo.

O pai de Teixeira<sup>2</sup> e segundo o biógrafo Israel Lopes (2007), o menino vivia no meio das trovas do pai, sendo colocado pra disputar com pessoas mais velhas e aprendendo desde cedo a improvisar e a construir um repertório de rimas. A família era pobre e com a morte do patriarca, devido a um ataque cardíaco quando Victor tinha seis anos, seus irmãos foram entregues a outras famílias para serem criados. Victor e a mãe, sozinhos, perambularam durante alguns anos por várias localidades na região, sempre em extrema pobreza. Sua mãe tinha epilepsia e as crises eram comuns. Quando Victor tinha nove anos, por conta de uma crise epilética, a mãe caiu sobre uma

---

<sup>2</sup> Nome regional da forma de cantar em que dois intérpretes recitam ou cantam alternadamente, numa espécie de debate ou concurso. Segundo Zumthor (1997, p. 234), todas as épocas e culturas oferecem exemplos desse tipo de *performance* oral: os povos nórdicos, os esquimós, os Quirguizes, a Galícia espanhola.

fogueira acesa no pátio da casa, vindo a falecer em decorrência das queimaduras dentro de poucos dias. Esse é o episódio fundante da mitologia da vida do artista, e tema do seu maior sucesso musical, “Coração de Luto”, a canção que o tornou famoso no Brasil todo em 1961.

Após a morte da mãe, Victor ficou morando durante bastante tempo com parentes, acompanhando-os em suas andanças por várias localidades do interior. Já adolescente, mudou-se para a capital, Porto Alegre, onde teve vários empregos: engraxate, carregador de malas, vendedor de verduras. Aos 17 anos comprou seu primeiro violão, e apresentou-se na Rádio Difusora de Porto Alegre pela primeira vez. Algum tempo depois, conseguiu um emprego de operador de trator, passando a transitar pelo interior do estado do Rio Grande do Sul conforme eram feitas obras nas estradas. Aconselhado por colegas, a quem divertia nos intervalos de trabalho com o violão, passou a cantar em rádios do interior.

Casou-se em 1957, com uma moça de Santa Cruz do Sul, Zoraida Lima, e o casal, após um período morando em Soledade, onde Teixeirinha também cantou em rádios, se estabeleceu em Passo Fundo, onde o artista passou a tomar conta de uma barraca de tiro-ao-alvo no centro da cidade. Durante o período em Passo Fundo, cerca de três anos, Teixeirinha conseguiu ter seu primeiro programa na Rádio Municipal, patrocinado pelo comércio local, e passou a tocar em bailes, churrascarias e festas. Logo ficou conhecido

localmente, e um esforço coletivo foi feito para que ele gravasse seu primeiro disco. Em 1959, com a ajuda de amigos artistas e de patrocinadores locais, ele foi para São Paulo gravar seu primeiro disco de 78 RPM. O sucesso, porém, só chegou em 1961, com o seu quarto 78 RPM e a música *Coração de Luto*, que o tornou conhecido no país inteiro.

Na época do início da carreira de Teixeira, com o início de uma indústria cultural no Brasil e os primórdios do desenvolvimento de uma cultura de massas, vários estilos lutavam por supremacia no campo musical-fonográfico e tinha início uma diversificação de produtos culturais feitos para determinadas faixas de público. Nas décadas de 1930 e 40 o samba e as músicas instrumentais reinavam absolutos no mercado fonográfico, mas no início dos anos 60 ainda não havia um padrão musical que englobasse todo o mercado, o que explica a convulsão perene durante toda a década entre vários estilos. Era uma fase de transição, em que as gravadoras aprendiam a explorar a diversidade dos públicos no Brasil.

Teixeira soube lidar com essa transformação que ocorria no campo musical brasileiro escolhendo seu público e se mantendo fiel a ele – um público que, conforme mencionado anteriormente, em muito se identificava com sua origem rural e migrante, sua trajetória sofrida, e sua sonoridade. Além de saber para quem sua produção se dirigia, Teixeira conseguia uma identificação direta do público ao tratar nas suas músicas de assuntos que aconteciam no momento, funcionando

como uma espécie de cronista de época em muitas de suas músicas, transformando em rimas eventos trágicos ou importantes. De certo modo, realizava uma espécie de “tradução” desses eventos para uma linguagem popular.

Com o sucesso nacional da música “Coração de Luto”, Teixeira mudou-se de Passo Fundo para Porto Alegre, começou a ter os primeiros retornos financeiros significativos da sua carreira e passou a excursionar pelo Brasil fazendo shows. Em 1966, uma produtora cinematográfica de Porto Alegre, a Leopoldisom, resolveu apostar na popularidade do artista propondo a ele a realização de um longa-metragem que contaria a história de sua vida, tal como contada na música Coração de Luto. Este primeiro filme, lançado em 1967, foi um grande sucesso em todo o país, mas principalmente no Rio Grande do Sul. Com essa primeira tentativa bem sucedida, outra produtora local, a Interfilmes, propôs um segundo filme a Teixeira, “Motorista Sem Limites”, lançado em 1970. Este filme não foi tão bem-sucedido financeiramente quanto o primeiro, mas Teixeira mesmo assim resolveu criar uma produtora – a Teixeira Produções – e lançar-se na produção cinematográfica. E assim, ao longo da década de 70 e início dos anos 80, Teixeira realizou 10 filmes com sua produtora. Se no início, tal produção era vista com bons olhos e expectativas pela crítica local, com o passar do tempo os filmes de Teixeira foram sendo imensamente criticados e até ignorados.

Ainda em 1961, mas já famoso no país todo, Teixeira conheceu durante uma excursão para Bagé uma acordeonista, então com 15 anos, Mary Terezinha Cabral Brum. Ela o acompanhou nos shows, discos, filmes, programas de rádio e televisão durante 22 anos, tornando-se sua parceira no palco e fora dele.

O relacionamento durou até 1983, quando Mary largou a dupla. Depois da separação, ele teve um infarto, e em seguida sua saúde começou a se deteriorar, com o aparecimento de um câncer no pulmão. Em dezembro de 1985, com o câncer espalhado por grande parte do corpo, Teixeira faleceu. Segundo os jornais da época, 50 mil pessoas compareceram ao seu velório no Estádio Olímpico de Porto Alegre.

Junto com o sucesso popular, vieram as críticas. Como bom outsider, Teixeira foi publicamente rechaçado pelo *establishment* musical. Seus discos foram quebrados ao vivo na TV em rede nacional, a música Coração de Luto ganhou o apelido de “Churrasquinho de Mãe” e Teixeira foi acusado de usar a figura da mãe morta para ganhar dinheiro. Em uma oposição que permanece constante no panorama artístico brasileiro, o sucesso de público vinha junto com a total reprovação da crítica – isso quando esta se dava ao trabalho de prestar atenção no que o artista produzia. Entretanto, se pelos registros que ficaram nos jornais Teixeira era criticado e pichado à exaustão, as cartas dos fãs mostram o quanto a percepção do público a respeito de seus trabalhos e

de seu papel era diferente. No próximo segmento, trato das cartas dos fãs e das emoções reveladas por estas.

### **O ídolo e as cartas**

Não tive acesso a registros precisos do início do fenômeno do culto aos artistas no Brasil. A palavra "fã" origina-se do inglês "fanatic" (era escrita durante muito tempo com a grafia "fan") e encontrei registros da palavra em revistas de cinema desde 1926. Em uma revista Cinearte de 1928, uma matéria intitulada "Os artistas respondem as cartas dos fãs" oferece uma espécie de definição de fã: as pessoas que sabem tudo sobre um artista de cinema, vêem todos seus filmes, guardam suas fotos, lhe enviam cartas, etc. O fato do termo ter de ser explicado indica que era algo relativamente novo no Brasil, e provavelmente se aplicava somente aos ídolos de cinema, o primeiro gênero de entretenimento de massa a apontar no Brasil.

Embora estudar os fãs de um objeto determinado da cultura popular possa parecer uma futilidade em um panorama social como o brasileiro, crivado de desigualdades sociais, dilemas raciais e religiosos, violência, desastres ecológicos, entre tantos outros assuntos 'sérios' que são considerados como talvez mais merecedores do olhar crítico da antropologia, eu quero argumentar que o estudo de fãs e de suas expressões, práticas e redes é importante, sim, não só porque ser fã importa para as pessoas que são fãs, mas porque

um olhar sobre estes elementos é capaz de revelar muitas coisas sobre a realidade social.

De acordo com Hills (2002:xi), fandom - soma de FAN, prefixo de fanatic, com o afixo DOM (no sentido de domínio, assim como nas palavras kingdom e dukedom) - poderia ser interpretado como o 'domínio dos fãs', no sentido das ações e práticas que lhes são típicas e do coletivo formado por estes. Assim, não é uma "coisa" que possa ser tomada analiticamente em si só. Também não é algo que possa ser descrito de um só jeito, como algo único. É sempre performativa, como uma identidade que é reivindicada ou não. Reivindicar o status de 'fã' pode, em certos contextos, fornecer um espaço cultural para tipos de conhecimento e conexão. Já na academia, por exemplo, a manifestação dessa identidade pode ser desvalorizada como um sinal de aprendizado inapropriado ou de engajamento acrítico com a mídia. Assim, fandom nunca é uma expressão neutra, ou um referente singular. Seu status e *performance* mudam de acordo com o terreno cultural. Para Hills, ser fã continua sendo uma identidade "imprópria", porque é a identidade cultural de alguém sendo comprometida com algo 'trivial' ou 'banal' como um filme, um programa de TV ou um cantor.

A importância destes estudos, portanto, não reside só no fato de que os objetos de fandom importam para os fãs, mas porque "... estudar as audiências de fãs nos permite explorar alguns dos mecanismos-chave através dos quais nós

interagimos com o mundo mediado no coração das nossas realidades e identidades sociais, políticas e culturais.” (Gray et al, 2007:10)

Assim, os fãs de Teixeira não só trazem pistas para compreender a trajetória e a importância deste artista. Nas diferentes maneiras como estabelecem relações, interpretam, cultuam, disputam e relembram o ídolo, acabam por desvelar componentes fundamentais da sociedade brasileira, relacionados à afetividade, à emoção, à sociabilidade, às diferenças de classe, ao imaginário, e a uma série de elementos muito difíceis de acessar, como os relacionados a sonhos e expectativas – presentes, principalmente, na massa de cartas enviadas ao artista.

A área de estudos de fãs não conta com muitos trabalhos no Brasil. O principal deles é o livro de Maria Claudia Coelho, originário de sua tese de doutorado em sociologia, intitulado “A Experiência da Fama” (1999). Nesta pesquisa, Coelho examina a relação entre fãs e atores de novela da Rede Globo, principalmente através de análise da correspondência dos fãs. A autora analisa a tensão entre o desejo de singularidade de cada fã e a idéia de massificação expressa nas suas mensagens – exemplificada, principalmente no uso da categoria “fã número 1” e no conteúdo romântico das cartas, que, ao colocar o sentimento do fã como amor, e não como devoção do tipo carismática, tenta escapar do estigma negativo comumente atribuído a própria condição de fã.

Teixeirinha valorizava muito seus fãs, dirigindo-se a eles com carinho nos seus programas, produzindo brindes e lembranças especialmente para eles, e principalmente, fazendo questão de que todas as cartas fossem respondidas. Esses gestos de consideração e afeto para com as pessoas que iam aos seus shows, compravam seus discos e os produtos que anunciava em seu programa, garantiam-lhe um sucesso crescente. Conforme um senhor me disse em Sapiranga, cidade onde o Projeto Teixeira Memória Nacional<sup>3</sup> passou, “ele era nosso fã e nós éramos fãs dele”. Essa ausência do binômio fã X ídolo, substituída por uma relação onde os dois lados eram "fãs", aparece também nas correspondências, e é um fato merece análises futuras. Esta carta é um exemplo:

*Queridos fãz Teixeira e Meri*

*Ontem fomos assistir teu filme confeço que foi um grande suseço pois gostei muito, afinal, todos os teus filmes são bons. Eu não vou a cinema, só quando é para ver teus filmes, parabéns queridos fãz, que Deus te proteja e te dê muita saúde e*

---

<sup>3</sup> Parte do trabalho do campo de minha tese de doutorado, que trata da construção da memória e de uma imagem referentes a Teixeira na atualidade, em várias dimensões, este projeto foi uma iniciativa da Fundação Teixeira, instituição mantida por sua família, que transitou por seis cidades do interior do Rio Grande do Sul durante o primeiro semestre de 2007. Consistia numa exposição fotográfica sobre a vida do artista, exibição de seus longas-metragens e um show com Teixeira Filho e Neto, oferecidos gratuitamente para a população.

*muitos anos de vida, para que tu possas fazer mais e mais filmes para todo o teu povo que te adora, eu principalmente e toda a minha família somos teus fãs número 1.*

Esta carta também faz parte de um dos tipos mais comuns de correspondência dos fãs do artista, em que o fã escreve para elogiar alguma produção (filme, disco, música), desejar felicidades ao artista e se identificar como fã. Grande parte da correspondência é formada por cartas desse mesmo modelo, com algumas variações. O outro tipo comum é de cartas pedindo uma música ou uma homenagem musical para um amigo ou familiar. Essas dedicatórias musicais, feitas por ocasião do aniversário, alguma data comemorativa, ou simplesmente como uma demonstração de afeto, ainda são muito comuns nas rádios pelo interior do Brasil.

O programa diário de rádio que Teixeira manteve durante muitos anos era quase que inteiramente baseado nas cartas dos fãs. Eram eles que, através das cartas, pediam músicas, faziam as dedicatórias, mandavam recados para familiares distantes, mandavam piadas, avisos de utilidade pública, faziam pedidos, e principalmente faziam elogios ao artista, aos seus filmes, discos e músicas. A audiência do programa, retransmitido para todo o sul do Brasil, e posteriormente até para estados do Sudeste e Centro-Oeste, era gigantesca, e evidentemente não era possível atender a todas as cartas que chegavam.

Minha proposta é analisar algumas destas cartas, escolhidas dentre o acervo, cujo caráter emotivo se sobressai, e tentar interpretar quais são os sentimentos e elementos discursivos evocados pelos fãs para retratar a emoção. Um exemplo é a carta transcrita na introdução deste artigo. Escrita por uma adolescente, ela retrata Teixeira como uma espécie de super-herói, ao mesmo tempo pai, amigo, e alguém que, saído de uma infância sofrida, se tornou uma pessoa de sucesso. A identificação do sofrimento da adolescente com o dele é direta, ao mesmo tempo em que durante toda a carta, ela relembra as diferenças entre os dois, e afirma não esperar nada dele a não ser que leia a carta (e não ao vivo no rádio). Ela não pede um disco, ou foto, nem autógrafo, e afirma que talvez seja realmente seu destino viver na desilusão e amargura. Essa humildade extrema dos fãs é uma constante. Algumas cartas passam a idéia de que meramente escrever para o ídolo já é uma dádiva, e que nada é esperado em retorno – de que na verdade as próprias cartas já eram um contra-dom, o retorno dado ao artista pelas suas realizações. Muitas outras, no entanto, pedem coisas. Eles se multiplicavam - desde fotos, gaitas, violões, até material de construção, dinheiro emprestado, rádios, roupas e calçados. Os pedidos de objetos ou dinheiro têm em comum as narrativas trágicas, que tentam despertar pena: perdas numa enchente, filhos passando necessidades, infância difícil.

Um exemplo é a carta de Adão, de Porto Xavier:

*Dia 25 de outubro de 1983*

*Oje peguei nacaneta para escrever para o ceor Techerinha e mando pedir para o tocar uma muzica de zafiu do grenal o ferece para o sogro e a sogra e o ceu pai e cua mãe e gorge. pidi uma gaita velha para o ceor que tudo fala que o ceor e um homen muito bom que eu morava na costa do oruguai e veio a ichete e levou a minha casa e a minha gaita que eu tinha ganho não tenho meio de comprar outra so muito pobre*

Nesta carta de Márcia, de Gramado, enviada em 23 de Maio de 77, a fã tenta, de todas as maneiras, até mesmo num tom de cobrança, despertar a piedade do ídolo.

*Meu prezado cantor Teixeira e Mary Terezinha, eu nunca tive alegria a minha vida pois sou muito pobre e não tenho condições de comprar um relógio e um gravador, quando eu tinha 6 anos minha irmã que era mais grande do que eu escreveu para o senhor para me dar uma boneca e eu não ganhei, pensei que o senhor não gostava de mim, depois os anos passarão e o senhor esteve em nossa cidade o ano passado, lá eu vi o quanto o senhor era poderoso e pensei para mim que aquela carta o senhor não avia recebido, e agora que eu o conheso pesualmente quero que o senhor não faça eu sofrer como sofri quando tinha 6 anos sem ter nada na vida, poriso lhe pesso um relógio bem bonito com uma porceira que brilha como ouro, e um gravador para gravar todos os dias suas músicas pela rádio faropilha, pois eu elevanto cedo só para escutar as suas músicas e sua voz e da Mary, se o senhor me der estes dois presentes eu serei a*

*menina mais feliz do mundo e nunca esquecerei do senhor e desde ja muito obrigado. Eu só espero que esta carta não seja uma simples carta como a outra.*

*Tiau um abraço da menina a espera de algo*

*Márcia Rodrigues*

*Eu não tenho família eu sou só como o senhor foi quando perdeu sua mãe.*

Márcia usa de todos expedientes possíveis para convencer Teixeira a lhe dar os presentes, mesmo se contradizendo – nas linhas finais, escritas depois de assinar a carta, ela afirma que não tem família, mas acima havia mencionado a irmã.

Numa outra carta-pedido, Maria Odete, de Porto Alegre, relata em detalhes as dificuldades financeiras de sua família, que mora numa vila sem água nem luz na zona norte da cidade, e pede ajuda a Teixeira, garantindo a ele que ninguém precisa saber que ele a ajudou e afirmando que seu pai o havia conhecido pessoalmente num baile no interior, muitos anos atrás.

*Mas enfim, o que eu queria mesmo era uma ajuda em dinheiro ou em material de construção para fazer uma cozinhezinha de 2mts x 2mts.*

*Inclusive o sr pode pegar o carro e dar um pulinho aqui pois é perto.*

*Tomaria um café comigo e bateria um papo.*

*Sei que esse tipo de ajuda não se pede, mas confio no seu coração generoso e depois uma*

*peça assim pequena, eu não preciso dizer a ninguém como consegui.*

A carta de Maria Odete revela outra peculiaridade do ídolo. Apesar de alguém poderoso, famoso e rico, ele é um igual, alguém que pode, sem muita cerimônia, ser convidado para o "chatô" para tomar um café e bater um papo. Os fãs se colocam, assim, como "íntimos" do ídolo, como iguais. Muitas cartas têm esse mesmo tipo de manifestação, seja ao convidar Teixeira para o aniversário de 15 anos da filha, ou avisar que, quando fosse a Porto Alegre, daria uma passadinha em sua casa, ou chamando Teixeira para sua casa quando fosse a tal cidade. Imagino que esse tipo de pensamento era encorajado pelo artista pela maneira como se comunicava nos programas. Na carta de Agrecina, de Encruzilhada do Sul, ela afirma que está com muitas saudades dele, que sonhou com ele, mas só contará o sonho quando o ver novamente – outra demonstração de intimidade.

Outro exemplo de pedido é a carta de Cledi, de Porto Alegre, de 17/6/74. Ela afirma que o seu grande desejo é conhecer a dupla Teixeira e Mary Terezinha, e que às vezes chega a sonhar que está falando com eles. Seu grande sonho é aprender a tocar acordeom, mas não tem como, porque é pobre, trabalha como doméstica e estuda de noite, e ainda tem que mandar metade do ordenado para os pais no interior. Sonhou que Mary estava a ensinando a tocar acordeom e pede o instrumento. Avisa, no entanto, que respondam por carta e não pelo rádio, pois fazer o pedido lhe envergonha.

Mariluce, de Tapes, pede um rádio.

*Senhor Teixeira e Mery*

*É com muito prazer que passo a escrever esta cartinha e com o coração muito umilde que venho lhe pedir se dava para o senhor me arumar um radio nem que seja usado porque fazem 6 mezes que não posso escutar o Teixeira amanhece cantando porque o nosso radio estrago e nao tem mais arumação e o senhor não imagina como e triste a gente não poder ovir musica e morar para fora não temos um vizinho perto... eu tenho que caminhar 1 hora a pé todos os dias para ir a escola o senhor há penso a gente de manha acostumada a escutar todos os dias o seu programa... para mim é triste que só o que me alegra é o rádio assim que espero ser atendida.*

Novamente, ela conta sua rotina triste, seu problema, e confia que Teixeira será a solução. Os inúmeros pedidos de rádios (para ouvir o próprio Teixeira) dão uma idéia da extrema pobreza e da origem rural ou suburbana da maioria dos fãs do artista.

Além dos pedidos diretos feitos a ele, Teixeira é convocado, pelos fãs, muitas vezes, a ter um papel de mediador. Na maioria dos casos ele realiza esse papel através do próprio programa, dando recados para familiares, como o de Augusto, de Porto Alegre, em dezembro de 1974, que pede para avisar a mulher, em Francisco Beltrão, Paraná, que ele já comprou a casa e ela pode vir o dia que quiser; ou de Pedro, que pede desesperado que a esposa volte para o lar. Anita, de Santana da Boa

Vista, em julho de 1970, pede que Teixeirainha avise seu noivo que está com muitas saudades, mas não sabe quando poderá vê-lo. Tereza, de Itaquí, em julho de 1974, pede que Teixeirainha anuncie seu nome na rádio, na esperança de encontrar a filha que mudou para Porto Alegre e com a qual perdeu o contato. Lucilia, de Lages, em duas cartas enviadas em outubro de 83, pede que Teixeirainha anuncie seus dados pessoais no programa. Ela procura um viúvo ou desquitado para compromisso sério, pois não quer mais ficar na solidão.

Outros favores exigem que o "mediador" entre em contato com outras pessoas ou instituições. Ivandina, de Pelotas, em maio de 73, pede que Teixeirainha descubra o estado de saúde de sua mãe, internada já há três semanas na Santa Casa de Porto Alegre, e dê a notícia pelo programa. Nelci, de Frederico Westphalen, em fevereiro de 1978, pede que Teixeirainha encaminhe um pedido de ajuda financeira aos novos ganhadores da loteria esportiva que moram em Sapucaia do Sul. Fala da difícil situação em que vive e pede cinco mil cruzeiros para os ganhadores. Em anexo, vem a carta que deveria ser entregue aos novos milionários. Nesta carta anexa, dirigida aos ganhadores, ela expõe sua situação e disse que teve a idéia de pedir ao Teixeirainha que, "gente como nós" que ele é poderia encaminhar seu pedido. O fato de a carta estar ali mostra, obviamente, que dona Nelci não foi atendida.

Ordina, de Cerro Grande, em novembro de 1983, fala sobre o filho que faleceu há dois anos e

que era fã de Teixeira. Pede que Teixeira ore pelo seu filho – buscando uma mediação espiritual do ídolo – e que Teixeira avise um homem chamado Oswaldo que vá a Cerro Largo conversar com ela um assunto de grande interesse dele.

Além de dar recados e avisos, Teixeira também é convocado para dar conselhos. Por ser um artista estabelecido e bem-sucedido, os fãs imaginavam que ele poderia também aconselhá-los nas suas tentativas de iniciar uma carreira. Ângelo, de Porto Alegre, em março de 82, manda para Teixeira letras de músicas e pede que ele as avalie, pois sonha com uma carreira artística.

*Gostaria eu de ser orientado pelo Sr. de como agir para ingreçar como Escritor*

*Pois este é meu sonho profissional;*

*Mas não tenho noção de como deve Agir um iniciante como eu que não tem Conhecimentos em nada deste Tipo de profiçãõ com os superiores do ramo ou compradores de letras.*

*No entanto se o Sr. acha fundamental minhas idéias, gostaria de ser Orientado a respeito se lhe é pucível, Pois achei o Sr. uma pessoa que poderia me ajudar deste sentido.*

Teixeira torna-se, também uma referência do profissional que deu certo, e que estaria habilitado a ajudar outros a iniciar uma carreira. Estas não foram as únicas letras de músicas enviada por fãs que encontrei entre a correspondência. É possível até se perguntar se, em

algum momento, Teixeira chegou a gravar alguma dessas composições enviadas.

Dentre estas cartas que convocavam Teixeira para mediar ou realizar algo, algumas chamam a atenção pela importância da questão que o artista era chamado para resolver.

*Indaial 05/10/83*

*Cordiais saudações*

*Alô Teixeira, como eu sou uma grande fã do seu programa, escuto todas as madrugadas esta linda voz talentosa que alegria todo o meu viver. Vitor Mateus, lembrei de lhe fazer um grande pedido, maior de toda a minha vida. A quarenta anos partiu de Blumenau alguém que eu nunca consegui tirar da minha lembrança. O nome dele é João Anastácio Pereira Sobrinho, foi trabalhar na farmácia Central da brigada militar em Pto Alegre, rua coronel Mello. Peço ao senhor o favor de dar um alô no ar para ele, para que chegue até a Rádio Gaúcha pegar a carta que segue justo com esta carta. Se eu for atendida meu muito obrigada.*

Esta senhora, Ana Maria, se voltava para Teixeira na esperança de encontrar esse amor da juventude. A carta dela, assim como muitas que citei acima, revela um mundo muito diferente de hoje, onde as pessoas das localidades longe dos centros urbanos simplesmente não tinham acesso a telefone ou outro meio de comunicação. Assim, dar notícias era difícil, se perder dos parentes era relativamente fácil, e muitos recorrem a

Teixeirinha para avisar aos familiares do seu paradeiro. Isso revela não só a enorme audiência do seu programa, já que as pessoas enviavam no recado na certeza de que o destinatário estaria ouvindo, mas a falta de recursos desse público e a enorme gama de expectativas que tinham sobre Teixeira.

Imagino que dona Ana Maria jamais encontrou o João Anastácio. Ao menos a carta nunca chegou às mãos dele, já que continua dentro do mesmo envelope.

*Oi ex amor, passei os dias da minha com a tua imagem no meu pensamento, lembrando sempre que o destino é implacável, esperando que um dia nós se encontrasse. Já escrevi p a Coligadas de Blumenau perguntando por seus irmãos, Genésio, Oswaldo e Firmina, nunca obtive notícias. Nada mais quero no mundo a não ser falar contigo antes de partir para o Além, é meu único desejo. Escreva para mim mandando o seu endereço, que eu lhe escreverei com menores detalhes toda a minha vida.*

*Joãozinho, apesar de nos não sermos mais os dois adolescentes de antigamente, ainda gostaria de saber como vai você.*

Fora do envelope, há uma observação em caneta vermelha: “Entregar a carta para o Sr. João Anastácio Pereira Sobrinho”. Aparentemente, ele nunca foi na Rádio Gaúcha buscar a carta. Mesmo assim, a gravidade da situação depositada sob a responsabilidade de Teixeira mostra o tipo de afeto e confiança colocada nele pelos fãs.

O último tipo de cartas que apresento são aquelas dedicadas a expressar o afeto pelo ídolo. Podem ser tanto na forma de elogios diretos para um determinado filme, disco ou música, como na forma de uma narrativa onde a vida ou a própria rotina do fã é entrelaçada à vida do ídolo.

Numa carta enviada em junho de 1966, Sônia, de Vila Basílio, não só jura devoção incondicional a Teixeira e toma seu lado na polêmica criada por Flávio Cavalcanti como fornece elementos para se traçar as disputas da época, entre os cantores da Jovem Guarda e os outros estilos.

*Sobre as críticas de Flávio Cavalcanti não passa de inveja que ele tem de você os vossos livros chega nas bancas de jornal e no mesmo dia esta esgotado isto eu posso justificar porque eu custei encontrar o vosso livro nº 5 eu tenho feito coleção dos vossos livros os livros de Roberto Carlos e Erasmo Carlos esta nas bancas de jornal cheios de pó e comidos pelas baratas eu detesto as musicas deles querem terminar com a tradição de nosso Rio Grande será que eles não compreendem que jovens estudantes não aplaudem eles e sim cadavez estão criando mais cetege poderá a juventude transviada do Rio aplaudir êles. Eu sou jovem e detesto a música deles como já falei...*

Ela continua afirmando que gosta é da música popular e principalmente de Teixeira e Mary Terezinha, que pessoas de todas as idades gostam das músicas deles e termina a carta oferecendo seu apoio nas horas difíceis.

Zaide, de Rio Grande, em dezembro de 74, tenta estabelecer, em sua carta, todos os tipos de ligações possíveis com o ídolo. Afirma que sempre reza pela saúde e felicidade de Teixeirinha e fica muito triste quando sabe que está doente ou que algum artista morreu em acidente de carro, como José Mendes. Relata que conversou com uma parenta de Mary Terezinha, e que disse a ela que não queria morrer sem conhecê-los, mas é muito cara uma passagem a Porto Alegre e que, de qualquer jeito, não conhece ninguém na cidade a não ser um advogado que a ajudou. Escreve que nasceu no mês de Março, assim como os dois. E que comprou a revistinha da infância de Teixeirinha e que seu filhinho de 6 anos sempre diz que Teixeirinha era muito bonito quando era pequeno. Conta também que comprou um rádio para escutá-los melhor, que custou 400 cruzeiros.

Um fã de um lugar bem mais distante – Maranguape, no estado do Ceará, vai mais além nessa tentativa de estabelecer laços e ligações com Teixeirinha. Raimundo escreve duas cartas, em 31/12/83 e 8/1/84. Na primeira, tratando Teixeirinha de compadre, deseja Feliz Natal e Feliz Ano Novo para ele e Mary. Diz que a afilhada de Teixeirinha, Sonia Mary, está muito danada e mal pára dentro de casa. Pede que Teixeirinha lhe envie um garrafão de chimarrão, pois quer muito provar a bebida dos gaúchos. A carta seguinte, com menos de uma semana de diferença, é dirigida a Mary Terezinha (novamente como comadre). Diz que ficou sabendo do infarto que Teixeirinha sofreu, e

que por causa disso mal consegue comer ou dormir. Diz que fez uma promessa a São Francisco ("de joelho, no meio do tempo") pela saúde de Teixeira e que ele próprio vai ter que pagar em Fortaleza. Encerra a carta dizendo que está chorando com pena do compadre. Numa outra folha, ele diz para Mary conversar com Teixeira sobre a ida dele para Fortaleza para pagar a tal promessa, que ele não pode deixar de pagar.

Seu Raimundo estabelece, ao mesmo tempo, uma relação de compadrio, e faz uma promessa que Teixeira deve pagar - para isso, tendo que ir a Fortaleza. Ele se dirige a Teixeira e Mary com intimidade e não tem vergonha de assumir seu choro e desespero pela condição de saúde de Teixeira.

Teixeira também vira uma referência para os gaúchos que vão morar em outros lugares do Brasil, e, com a sua música, matam as saudades da terra natal. Um exemplo é a carta de Jandir, de Taio, Santa Catarina, escrita em novembro de 1965.

*Prezado amigo Texeira e querida prenda Meri Terezinha*

*Hoje neste sábado tão lindo escutando o seu maravilhoso programa então senti um grande imosão dentro do meu peito e resolvi a escrever para o senhor e a Meri. ... Agora quero lhe dizer que fico imensamente feliz quando osou o senhor falar no Rio G. E sinto uma saudade louca e chego a ter vontade de voltar para esta querencia amada, porque eu naci no Rio Grande e no Rio Grande ei de morrer porque este e um dever dos gaúchos.*

Ele finaliza a carta dizendo que, apesar de morar em Santa Catarina, eles são de Passo Fundo – a cidade onde Teixeira iniciou sua carreira. Mas Teixeira não faz lembrar só o Rio Grande do Sul, mas o Brasil para os que estão no estrangeiro. José, dono de um terreiro de umbanda em Buenos Aires, escreve em maio de 1980 que

*Aqui em paiz estrangeiro escutando a verdadeira muzica tradicional brasileira cuando o senhor Abre o peito e Mary Terezinha move os teclado Da sanfona estremece o coração de cualquier Brasileiro peor que nos encontramos em paiz extrageiro maiz que nunca se esquece do nosso querido torão Brasileiro este que agora já podemos comprar aqui em Buenos Aires capital da republica Argentina alguns discos tradicional Brazileira por exempro da sua autoria ja tenho 3 LP...*

José finaliza fazendo um pedido musical e dedicando a familiares que também moram na Argentina. Ele afirma ouvir o programa de Teixeira tanto de noite quanto de madrugada e pede que Teixeira convide os babaorixás gaúchos a visitarem seu terreiro na capital argentina.

O afeto pelo artista podia ser as vezes expressado de formas mais explícitas. A carta de Brunilda, de Gravataí, enviada em dezembro de 1968 vem acompanhada de um bilhete avisando que não deve ser lida no rádio, e sim só pelo artista. Ela inicia referindo-se a Teixeira como ídolo e rei, e questiona de onde vem tanta inspiração para

músicas lindas. Conclui que só pode ser algo mandado por Deus.

*Teixeirinha se você soubece o quanto sua bela voz representa para mim talvez você desce atencao à minha mal-traçada mais porém cinsera cartinha. Pois quando ouço suas músicas fico sem saber o que faço, não sei se choro, não sei se canto junto só sei ficar calada de cabeça baixa escutando-as e sem que eu perceba rolam duas lágrimas dos meus olhos e descem pela face, fico triste, pensando se eu pudece aquela hora estar perto de ti (dar-te um abraço), talvez eu me consolace desta situação talvez você veria o quanto sua fã lhe adora, não mais não posso tenho que suportar a distância, já que a distância foi feita para quem não merece estar perto de quem a gente admira.*

Brunilda continua contando que estava de férias e que pensou muito em ir a Porto Alegre para tentar conhecer o ídolo pessoalmente, mas não tinha coragem. Nem imaginava como ele era, mas sabia que era baixo, lindo, simpático e rico, mas nada disso importava e sim a felicidade que ela teria ao conhecê-lo pessoalmente. Ela lamenta não poder estar junto dele e diz que seria até uma prisioneira para ficar ao lado do ídolo, e que o que mais queria era ser também uma cantora, pois assim poderia se encontrar seguidamente com ele, e quem sabe mesmo estaria ao lado dele no lugar de Mary Terezinha.

Enviada em janeiro de 1984, a carta de Nara demonstrava o desespero dos fãs quando

subitamente ficaram órfãos do programa de Teixeirainha no rádio.

*Meu querido Teixeirainha*

*Teixeirinha com muito prazer estou mais uma vez escrevendo para você com todo meu carinho com todo o amor que tenho por você olha hoje eu vi você na t.v. um pedaço da entrevista que você deu me correu as lagrima parecia mentira que era você. Eu já estava chocada com a sua saída da Gaucha nao conseguia ouvir mais radio pois demanhã eu so levava o dedo na chave e ja estava ouvindo nunca perdi o seu programa nem um dia amo você desde dois anos hoje estou com vinte cada vez tiamo mais e nao me conformo sem você no Radio por favor Teixeirainha querido na deixa o nosso Rio Grande eu quero ouvir o seu programa no radio estou chorando escrevendo. rezei muito quando você estava doente e não tirava o ouvido do Radio agora estou agradecendo a Deus. Por amor de Deus devezenquando me manda notícia me mande um endereço que eu possa me comunicar sempre com você. Por favor atenda esse apelo amo você como se fosse meu pai. beijos da fã Nara Elizabete.*

As declarações de afeto não partiam exclusivamente das mulheres. Homens também revelavam seu amor pela dupla, como Éder Vasconcellos, de Porto Alegre, que escreveu em 1978 uma carta elogiando Teixeirainha e Mary Terezinha pela inteligência e sensibilidade. Conta que assistiu o filme “Meu Pobre Coração de Luto” e teve uma emoção imensa. Ficou sensibilizado pela inteligência de Teixeirainha. Afirma que ser

gaúcho não é usar bombacha, mas trazer no coração inteligência, classe e sabedoria, e que eles são a maior jóia da música e que vivem no coração dos gaúchos. Conta também que passou 90% do que Teixeira passou naquele filme e que por isso dá valor a inteligência de Teixeira e de Mary, que são a riqueza do Brasil e do Rio Grande. Disse que depois de ver o filme sentiu uma vontade de chorar e ficou andando por lugares escuros para que ninguém o visse, e que apesar de não os conhecer os ama de todo o coração. Apesar de existir um tabu machista sobre a expressão dos sentimentos vinda do sexo masculino, isso não é um problema para Éder e muitos outros fãs.

Demonstrações de desespero e pesar se seguiram em 1985, por ocasião da morte do artista. Os fãs passaram a escrever para a esposa de Teixeira, Zoraida, que, assim como o marido fazia, usava as secretárias para responder as cartas com uma resposta-padrão agradecendo a solidariedade das pessoas.

Os fãs continuam escrevendo até hoje, agora para a Fundação Teixeira. Embora o site do artista tenha um painel de recados em que se pode deixar mensagens (principalmente para suas filhas, uma das quais tem um programa de rádio diário no qual só tocam músicas de seu pai), as cartas continuam a chegar pelo correio.

Um breve exame em algumas delas me fez ver que os elementos destas mesmas cartas de mais de vinte anos atrás se repetem. Continuam expressando saudades, amor pelo ídolo, admiração,

contando vidas que se entrelaçam com a de Teixeira e que continuam celebrando-o mesmo tantos anos depois de sua morte. Mais do que um idioma social definindo e negociando as relações entre Teixeira e seu público, as emoções eram o principal constituinte dessa relação. Teixeira carregava de emoção suas composições, e seu público o retribuía através das manifestações de carinho e admiração, entre elas estas cartas.

Este fluxo de emoções continua com a devoção dos fãs no cemitério no Dia de Finados, com os recados no mural do site de Teixeira, com as comunidades dedicadas e ele na Internet, com as cartas na Fundação, com os relatos de fãs que continuam colocando o artista como insubstituível. E contribui para que a aura de mito em torno do artista siga aumentando. O especial desta relação é que ela teve lugar num Brasil ainda predominantemente rural, vivendo um regime político autoritário e entre camadas da população muito distantes das esferas de poder, dos grandes centros urbanos e dos enquadradores oficiais da memória. Este acervo de cartas, além de revelar as emoções sentidas pelos fãs de Teixeira, revela muito sobre a vida dessas pessoas, fragmentos de um mundo que não existe mais no interior do Brasil e que deixou poucos registros próprios.

### Referências

ARAÚJO, Paulo César. **Eu não sou cachorro, não – música popular cafona e ditadura militar**. Rio de Janeiro, Record, 2002.

ELIAS, Norbert. **Mozart** – a sociologia de um gênio. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

GRAY, Jonathan; SANDVOSS, Cornell; and HARRINGTON, C. Lee. “Introduction: Why study fans?” In, Jonathan Gray; Cornell Sandvoss and C. Lee Harrington, (ed.) **Fandom** – Identities and Communities in a Mediated World. NY, London, New York University Press, 2007.

HILL, Matt. **Fan Cultures**. London, Routledge, 2002.

JENKINS, Henry. **Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture**. London, Routledge, 1992.

LEAL, Ondina Fachel. **Gauchos: male culture and identity in the pampas**. Tese de doutorado. University of California / Berkeley, 1989.

LOPES, Israel. **Teixeirinha: O Gaúcho Coração do Rio Grande**. Porto Alegre, EST Edições, 2007.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5 n. 10, pp.200-212, 1992.

REVISTA **Cinearte**. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito da Costa. Porto Alegre – RS, 1926 a 1928.

VERMOREL, Fred and Judy. “A Glimpse of the Fan Factory” In, Lisa A.LEWIS, (ed.) **Adoring Audience: Fan Culture and Popular Media**. London, Routledge, 1992.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução a Poesia Oral**. São Paulo, Hucitec, 1997.